

Rádios Comunitárias (Digital Rádio) e Novos Modelos de Representação. A Comunicação como Instrumento de [Re]Organização Social.

André Luis Oliveira Pereira de Souza

AGENDHA – Assessoria, Gestão em Estudos da Natureza Desenvolvimento Humano e Agroecologia (*ONG*)

“O rádio seria o mais fabuloso meio de comunicação imaginável na vida pública, constituiria um fantástico sistema de canalização, se fosse capaz, não apenas de emitir, mas também de receber. O ouvinte não deveria apenas ouvir, mas também falar: não isolar-se, mas ficar em comunicação com o rádio. A radiodifusão deveria afastar-se das fontes oficiais de abastecimento e transformar os ouvintes nos grandes abastecedores.”

Bertolt Brecht

Tramas Hodiernas

Durante todo o século XX as discussões em torno da Indústria Cultural e as formas de recepção do conteúdo por ela vinculado, permearam os debates acadêmicos. No início do século XXI, as discussões continuam acaloradas e férteis, porém a ruptura com os paradigmas mecanicistas de tipo linear e bidirecional, em muito contribuiu para uma sistematização da pesquisa de ambientes comunicativos e sua relação com os seres humanos, de forma mais ampla, incorporando elementos que até então não eram levados em consideração; Massimo Canevacci na busca de um melhor delineamento dessa fase de transição para novos modelos epistemológicos, defende uma “Antropologia da Dissolução”, que nasce dos “cruzamentos entre a mudança cultural, a complexidade social e a comunicação visual” (CANEVACCI, 2001:264).

As tecnologias da comunicação e informação têm assumido um papel fundamental na *hodiernidade* (termo empregado para a descrição de tudo que representa a atualidade, os

dias de hoje, a “agoridade” como definiu o poeta brasileiro Haroldo de Campos), informação a tempo real, a massificação do acesso e penetração dos media na vida cotidiana; Com os avanços tecnológicos, a utilização de materiais cada vez mais acessíveis e a digitalização das tecnologias, instituições e indivíduos têm maior contato com essas tecnologia, a inserção desses indivíduos em ambientes mídia sem a obrigatoriedade da deslocação física, possibilita o aprendizado de novos códigos, novas formas de expressão, novas linguagens comunicacionais, não dissociado do fazer cotidiano, da experiência vivida diariamente,

“essa circularidade, esse encadeamento entre ação e experiência, essa inseparabilidade entre ser de uma maneira particular e como o mundo nos parece ser, nos diz que todo ato de conhecer faz surgir um mundo” (MATURANA - VARELA; 2001: 31)

este tornar explícito (mediado pelo discurso radiofônico) vem indissociado do conhecimento tácito, experimentado por comunidades rurais e urbanas.

A Reprodutibilidade Técnica, o acesso as novas tecnologias, permite que instituições, organizações não governamentais e/ou indivíduos passem a produzir seus próprios conteúdos midiáticos, não mais atrelados aos sistemas das grandes corporações (broadcasting) e seus interesses de manutenção de um modelo capitalista de exploração, sustentado pela publicidade e pelos ideais do *establishment*, menos preocupado com valores éticos e formação cidadã.

“Somente aprendendo a saborear as nossas emoções como componentes inevitáveis do ato cognitivo – ao lado, acima e abaixo da atividade racional – e, portanto, também separado dele, é possível explorar novas fronteiras do conhecimento. Fechar-se à atividade consciente, não ver suas possibilidades produtivas, estéticas, emotivas, irracionais, significa render-se à centralidade comunitária tradicional do século XIX (mecanicismo), de carne e de solos, que tudo funde num único bloco de aço contra uma alteridade cada vez mais passível de construção” (CANEVACCI, 2001:63)

Tal constatação dá ênfase ao raciocínio do artigo, quando os meios de comunicação passam a ser geridos pelos atores sociais (indivíduos, comunidades, etc.) são delineadas novas possibilidades de representação e entendimento do mundo. Quando essa reflexão

é experimentada coletivamente, a transformação dialética individual e da comunidade salta para um macro plano de possibilidades cognitivas.

“Toda a reflexão, inclusive a que se faz sobre os fundamentos do conhecer humano, ocorre necessariamente na linguagem, que é nossa maneira particular de ser humanos e estar no fazer humano.” (MATURANA - VARELA; 2001).

Temos aqui uma questão de grande relevância, a descoberta e inserção das comunidades à linguagem radiofônica (acumulo de anos de experimentação técnica) e a elaboração de novos modelos de representação, fazem surgir uma nova linguagem, resultado do cruzamento entre a linguagem derivada das experiências individuais e coletivas, que passa a traduzir a experiência cotidiana, transformando em linguagem comunicativa; o espaço social passa a ser visto com um novo olhar pelos moradores, que passam a refletir as relações sociais

Os meios de comunicação (neste caso a Rádio), ganham aqui uma função crucial no processo de acumulação simbólica e expansão dos diversos sistemas mentais, o indivíduo passa a reconhecer-se enquanto elemento de um corpo social, passa a ter consciência das possibilidades geradas a partir da mobilização coletiva, os meios de comunicação comunitário funcionam como base para difusão e intercâmbio social, técnico e cultural.

Essas representações sociais e sua relação como os media criam as tramas ou redes complexas (Gregory Bateson), onde os indivíduos e elementos nelas agrupados, através da relação autopoietica, primeiro promovem a ontogenia, ou o desenvolvimento individual, e concomitantemente, como nos propõe Maturana e Varela em sua teoria da autopoiesis, o desenvolvimento e evolução coletivos através do acoplamento ou interação dos saberes.

“Em países semi-periféricos do mundo ocidental, como no caso do Brasil, parcelas significativas da população têm passado da pré-modernidade à pós-modernidade sem que tenham transitado pela modernidade tal como foi vivida nos centros hegemônicos europeus ou anglo-saxões. Milhares de camponeses analfabetos, que há uma década não conheciam a eletricidade, hoje consomem rádio, TV e vídeo-filmes e inscrevem seus filhos em cursos de computação.” (MEDITSCH, 1997).

A realidade brasileira esta marcada desde a sua formação pelo choque cultural das miscigenações, oriundas dos movimentos de colonização e imigração em contato com

diferentes biomas e formações geográficas, o que contribuiu para a formação da identidade cultural, marcada pela diversidade.

Esta diversidade pode ser notada nas diferentes iniciativas voltadas para os mais distintos públicos e necessidades. O acesso as novas tecnologias (é salutar a importância da internet neste contexto) têm possibilitado a formação do que se convencionou chamar de “Redes”, já usada pelas grandes corporações industriais, como estratégia de expansão comercial, e agora, ressignificada sua função, utilizada por modelos mais democráticos de difusão. Podemos tomar dois exemplos de modelos de redes de rádios comunitárias, a CONTAG – Confederação Nacional dos trabalhadores na Agricultura e a CEMINA – Comunicação, Educação e Informação em Gênero.

A CONTAG, através da criação de redes, concretizou a “formação de uma rede de solidariedade ativa entre as microrregiões rurais”, que promoveu “um efetivo intercâmbio de experiências, conquistas e conhecimentos. Essa rede deveria servir para a validação e transferência de inovações surgidas nas unidades da agricultura familiar e demais empreendimentos rurais familiares. E a participação ativa na rede deverá ser exigida de todos os consórcios intermunicipais beneficiados por ajudas” de dois tipos, Programas de Inovação Rural e Aquisição de competência, apoiadas por interlocutores locais, ONGs, Universidades e Centros de Pesquisa.

A CEMINA é uma *Ong* (organização não governamental) que trabalha, entre outras coisas) com as questões de gênero no rádio, a rede *Ciberelas* disponibiliza gratuitamente na internet toda a produção de programas, jingles, spots, campanhas educativas de utilidade pública em defesa da mulher, a rede possui um número elevado de radialistas associadas por todo o Brasil.

Os interesses ligados a um objetivo comum, ganham grandes dimensões, validando o discurso da possibilidade real da implantação de um modelo diferenciado de comunicação social, mais ligada a responsabilidade ética e social, utilizada como instrumento libertador de formação cidadã. As rádios comunitárias podem e devem funcionar como instrumento de educação e cidadania, seja na unificação de comunidades camponesas (zonas rurais) separadas pelas distâncias físicas, ou com jovens e comunidades das periferias das cidades (zonas urbanas), seja em defesa de um melhor esclarecimento e desmistificação de valores socioculturais equivocados, como é o caso da questão de gênero, ou outros motivos.

Esta “nova” forma de representação comunicacional, permite que se integrem as instituições envolvidas e ações desenvolvidas na comunidade, através do intercâmbio de competências e experiências vivenciadas em diversas regiões. Quanto maior e mais interligadas as redes, mais complexas as relações e serviços por ela gerados, sejam eles técnicos, educativos ou sociais, maior a interação entre os indivíduos envolvidos direta ou indiretamente no processo comunicativo, elemento fortalecedor do chamado “ecossistema comunicativo” (relacionado aos outros ecossistemas sociais, econômicos, políticos, etc.).

A relação vertical proposta pelas grandes corporações de mídia, de tipo linear e bidirecional, dá lugar a formas mais democráticas e interativas. A Comunicação Popular rompe com o modelo sistêmico-industrial de distribuição de informação adotado pelas grandes corporações, a comunidade passa a consumir sua própria produção, o discurso veiculado nestes meios é vivenciado pela própria comunidade, o que faz dele um discurso legítimo, rompendo com os discursos estereotipados quase sempre veiculados sobre essas comunidades (rurais, periferias, negros, mulheres, entre outros).

No Brasil outros meios de comunicação têm sido implantados em comunidades (núcleos de produção de vídeos, TV comunitária, Jornais, etc.), entretanto, percebemos que há uma predileção pelo meio radiofônico, por suas características técnicas e equipamentos mais acessíveis, além da questão da oralidade textual de forte penetração em comunidades não-letradas, é o meio e modelo preferencial adotado pelas associações de bairros, cooperativas e comunidades rurais.

A implantação dessas rádios tem ajudado no desenvolvimento local, na formação técnico-pedagógica, na elevação da auto-estima e no estímulo ao exercício pleno de cidadania. Dessa forma as rádios comunitárias, assim como outras mídias gerenciadas por comunidades, se tornam ferramentas da “educomunicação”, definida por Ismar de Oliveira Soares como,

“o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.” (MELO, 2004).

Um modelo de representação social já analisado pelo antropólogo Gregory Bateson, que sistematizou uma pesquisa a partir do que ele chamou de “As tramas que conectam” ou “As estruturas que ligam”, segundo o qual o universo estaria formado por uma infinidade de elementos conectados e de inter-dependência mútua, o contato entre os elementos seria sempre uma experiência transformadora, tanto no nível individual, quanto coletivo, o que Bateson chamará de “Ecologia da Mente”.

Por tanto a partir do contato com o meio eletrônico estabelece-se uma relação de *autopoiética* entre os indivíduos e o meio de comunicação, seja na unidade coletiva, dada a partir do contato com a produção comunicacional veiculada pela rádio comunitária, seja no envolvimento direto dos sujeitos participantes, ou cooptação de novos sujeitos participantes, haja vista que há nestes ambientes uma alta rotatividade de sujeitos produtores.

A trama proposta ultrapassa o esquema receptor-emissor, aqui se confundem os papéis de observado e observador, o indivíduo transpõe a condição de mero espectador passivo, passa a produzir ele próprio o conteúdo vinculado no meio, as verdades veiculadas neste meio estão muito mais próximas do universo simbólico desse sujeito e é partilhada coletivamente, Bateson descreve em seu livro “Mente e Natureza” esse desenvolvimento individual (ontogenia), para o antropólogo este desenvolvimento pessoal interfere e redimensiona o desenvolvimento coletivo a partir da análise e observação da comunidade, a rádio seria este instrumento de observação, a medida que se produz material midiático para a veiculação, a comunidade envolvida no processo comunicativo, passa a identificar as prováveis soluções para os problemas da sociedade. O sujeito insere-se na ação, transforma e é ao mesmo tempo transformado por ela, este movimento dialético é experimentado individual e coletivamente.

Não há aqui nenhuma preocupação de separação dualista entre a comunicação feita para as massas, praticada pelas grandes corporações (*Mass Media*) e a comunicação produzida nas comunidades, cada uma existe para cumprir uma determinada função no “ecossistema comunicativo”, se por um lado os *mass media* celebram a comunhão do espírito nacionalista e global, a comunicação comunitária, mais orgânica devido a sua estrutura constitutiva, celebra o local, o regional, o que acontece ao redor, convoca ao espectador-produtor a reflexão daquilo que transcorre ao lado, convoca-o para a

reflexão cotidiana perpassada pela elaboração da linguagem e tradução dessa realidade cotidiana.

Três características fundamentais para a afirmação dessas experiências radiofônicas esta ligada a fatores culturais da formação brasileira, o primeiro à forte tradição oral herdada dos povos formadores da identidade cultural do país (ainda mais forte no interior do Brasil), as distâncias territoriais que fazem do veículo um elemento unificador das comunidades “isoladas”, e os altos índices de analfabetismo, que fazem com que a difusão radiofônica possua uma forte penetração junto as populações não-letradas, a urgência na implantação de núcleos de comunicação comunitária justifica-se justamente pelo preenchimento desta lacuna (a questão da falta de políticas eficazes de educação), pela instauração de uma nova pedagogia; a rádio comunitária não funciona como substitutiva dos tradicionais espaços pedagógicos, serve como mais um espaço educativo-pedagógico.

Se utilizarmos a interpretação do teórico Marshall McLuhan, sobre a experiência de troca estabelecida entre os humanos e as tecnologias da comunicação e informação, como nos propõe o autor em seu texto *Visão, Som e Fúria*, percebemos como a inserção de uma rádio comunitária, gerenciada e produzida pela própria comunidade, pode trabalhar no campo da construção da subjetividade coletiva e individual dos envolvidos, a rádio seria a “grande boca” (e ouvido) da comunidade, uma voz de unidade coletiva, legitimada pelo discurso da gente que a produz, em torno de uma ou várias causas coletivas.

Na comunicação popular os setores sociais marginalizados e as minorias se auto-reconhecem como protagonistas, descobrindo suas capacidades e aptidões, desenvolvendo redes de comunicação, utilizando seus próprios recursos e instrumentos incorporados pela tecnologia da rádio comunitária, elaborando em decorrência disso, um projeto de ação comunitária, pautado nas necessidades de moradia, transporte, escolas e novos empregos que venham melhorar a qualidade de vida da comunidade. Aliado a isso, procuram conquistar espaços, conteúdo crítico, reelaboração de valores e formação de identidades e mentalidade, de serviços de interesse público visando a conquista plena da cidadania.

Bibliografia

ADORNO, Theodor W. e **HORKHEIMER**, Max. *A Indústria Cultural – O Iluminismo como Mistificação das Massas*. In Teoria da Cultura de Massa, Org. Lima, Luis Costa. São Paulo. Paz e Terra, 2001.

BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios às mediações. Comunicação, Cultura e Hegemonia*. Rio de Janeiro. UFRJ, 1997.

BATESON, Gregory. *Mente e Natureza: A Unidade Necessária*. Rio de Janeiro, Francisco Alves. 1986.

BAZI, Rogério Eduardo Rodrigues. *Tv Regional: Trajetória e Perspectivas*. Campinas, SP: Editora Alínea, 2001.

BENJAMIN, Walter. *A Obra de Arte na Época da Sua Reprodutibilidade Técnica*. In Teoria da Cultura de Massa, Org. Lima, Luis Costa. São Paulo. Paz e Terra, 2001.

CANEVACCI, Massimo. *Antropologia da Comunicação Visual*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

GOMES, Ana Luisa Zaniboni. **GOMES**, Sérgio. *Tecendo Redes no Campo: A Comunicação como Ferramenta de Desenvolvimento Local*. Brasília, Editorial Abaré, 2003.

GOMES, Wilson. *Estratégias de Produção de Encanto. O alcance contemporâneo da Poética de Aristóteles*. In: Textos de Cultura e Comunicação. Salvador, UFBA, 1996.

LUZ, Dioclécio. *Trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer Rádios Comunitárias, na intenção de mudar o mundo*. Brasília, 2001.

MATURANA, Humberto R. e **VARELA**, Francisco J. *A árvore do Conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo, Palas Athenas, 2001.

MCLUHAN, Marshall. *Visão, Som e Fúria*. In Teoria da Cultura de Massa, Org. Lima, Luis Costa. São Paulo. Paz e Terra, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. *A Nova Era do Rádio: O discurso do Radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico*. Texto retirado da Biblioteca On-Line de Ciências da comunicação – BOCC, http://bocc.ubi.pt/pag/_texto.php?html2=meditsch-eduardo-discurso-radiojornalismo.html, 1997.

MELO, Teresa. *O "ecossistema comunicativo" do educom.rádio* – Texto retirado do site da EDUCOM www.educom.com, 2004.

MERTON, Robert K. e **LAZARFELD**, Paul F. *Comunicação de Massa, Gosto Popular e A Organização da Ação Social*. In Teoria da Cultura de Massa, Org. Lima, Luis Costa. São Paulo. Paz e Terra, 2001.